



Pesquisa Etnomusicológica e Contemporaneidade: abordagens e perspectivas *outras*

Leonardo Moraes Batista ¹

Acsa Braga Costa

Danilo da Cunha de Jesus dos Santos

Thamara Collares do Nascimento

Victor Hugo Costa Cantuaria da Silva

UFRJ – PPGM

Doutorado

Subárea do SIMPOM: *Etnomusicologia*

leonardomoraesbatista@gmail.com

acsabragac@gmail.com

danilo.cunhads@live.com

thamaracollares.nave@gmail.com

victorh.cantuaria@gmail.com

Resumo: O debate que se propõe nesse texto recorte da pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa *Negô*² trata da discussão sobre os modos e os caminhos que a etnomusicologia tem desenvolvido no Brasil, no que se refere à produção de trabalhos acadêmicos em formato colaborativo, coletivo e participativo. O escopo do debate desse texto recorte aponta para uma descolonização dos processos metodológicos de pesquisa etnomusicológica, na busca por um (afro) futuro possível, para pesquisadores negros e pesquisadoras negras, dentro da academia. Ressaltamos com esse texto, enquanto pesquisadores negros e pesquisadoras negras, a reivindicação por abordagens e perspectivas de pesquisa etnomusicológica com reconhecimento dos negocídios existentes nas práticas de produção de conhecimento, dados efeitos da Modernidade, rompendo com a colonialidade e buscando promover ações decoloniais, assumindo, assim, o compromisso epistêmico para a erradicação do racismo institucional e estrutural da sociedade.

Palavras-chave: Etnomusicologia; metodologia; decolonialidade; etnografia; participação.

¹ Orientador: Professor Doutor Samuel Mello Araújo Júnior (UFRJ – PPGM).

² Os cinco (5) nomes que assinam esse trabalho fazem parte do Grupo de Pesquisa *Negô*. São pesquisadores negros e pesquisadoras negras vinculados ao Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, coordenado pelo Prof. Dr. Samuel Mello Araújo Júnior. É constituído por Leonardo Moraes (doutorando em Etnomusicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGM-UFRJ), Acsa Braga (estudante de Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ), Thamara Collares (estudante de Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO), Victor Cantuaria (estudante de Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) e Danilo dos Santos (especializando em Relações Étnico Raciais pelo Colégio Pedro II), ambos praticantes da BATEKOO. Esse grupo, que trabalha na escrita de uma tese, utilizam da abordagem etnográfica dada por um viés etnomusicológico para produzir conhecimento enfatizando as relações que se dão nas práticas acústicas, nas expressões diaspóricas do movimento/festa estético-corpóreo-sonoro intitulado BATEKOO. Trata-se de um encontro afrodiaspórico que transita entre a memória, por meio da conexão ancestral e uma reontologia focada em construir contranarrativas no que se refere ao corpo negro e suas práticas sonoras, a partir de nossas vivências e dos demais que praticam o enaltecimento da negritude. Estamos construindo, desde fevereiro de 2019, essa pesquisa com foco na juventude negra LGBTTTQI+ e sua produção estético-corpóreo-sonora, em meio urbano, vistas por diferentes perspectivas sociais, para além da demarcação acirrada do racismo e das trajetórias necropolíticas.

Ethnomusicological and Contemporary Research: approaches and perspectives others

Abstract: The debate proposed in this text is an excerpt from the research developed by the Negô Research Group, which deals with the discussion on the modes and pathways that ethnomusicology has developed in Brazil. It regards the production of academic works in a collaborative, collective and participatory format. The scope of the debate on this text points to a decolonization of the methodological processes in ethnomusicological research, aiming at looking for a possible (afro) future for male and female black researchers, within the academy. We emphasize herein, as black researchers, the claim for approaches and perspectives on ethnomusicological research with recognition of the negrocides existing in knowledge production practices. They come from the effects of Modernity, break with coloniality, and seeking to promote decolonial actions, assuming, thus, the epistemic commitment to eradicate institutional and structural racism from society.

Keywords: Ethnomusicology; methodology; decoloniality; ethnography; participation.

À guiso de introdução

Esse texto é um recorte da pesquisa de doutorado em música, em andamento. É desenvolvida por cinco (5) pesquisadores/as vinculados ao Laboratório de Etnomusicologia do PPGM-UFRJ, cujos percursos etnográfico e etnomusicológico são bases estruturantes da nova produção de conhecimento. É uma pesquisa que possui ênfase nas discussões epistemológicas e metodológicas, nas questões étnico-raciais interpeladas pelo debate sobre juventudes, interseccionalidade e sonoridades produzidas e praticadas por essas.

O recorte de debate que se faz nesse texto amplia a lente sobre a perspectiva metodológica que adotamos em nosso processo. Apresentamos aqui questionamentos, tensões e proposições, vide o caminho que a etnomusicologia assume, na contemporaneidade, no Mundo e em especial no Brasil. Esses serão interpelados pelas escolhas que temos feito no decorrer de nosso processo de produção de conhecimento no decorrer do texto. Focaremos nossa discussão sobre o propósito da etnomusicologia aplicada ou que preferimos nomear como etnomusicologia política, a partir dos referenciais que embasam o que estamos sinalizando nesse texto e também utilizando em nossa pesquisa.

O texto recorte propõe discussões sobre a demanda por descolonização do poder, do ser e do saber e, logo, dos processos metodológicos que ainda vigoram no campo da pesquisa em música, que, desde já, ousamos apontar como separatista, positivista, individualista e epistemologicamente pobre, regido pelo preâmbulo capitalista, patriarcalista e colonialista do modelo Moderno impregnado nas instâncias de construção de novos conhecimentos. Ou seja,

aqui se apontará como a etnomusicologia tem se articulado às demandas da contemporaneidade enquanto exercício de descolonização.

Serão destacados alguns autores e autoras que têm buscado abordagens políticas, epistemológicas e metodológicas de dinâmica participativa, colaborativa e coletiva que têm sido defendidas enquanto produção de conhecimento e ação nos espaços-tempos dentro da academia, em especial na pós-graduação. Aqui, ressaltamos que os caminhos que escolhemos para o desenvolvimento desse texto estão de acordo com as prerrogativas de uma dada etnomusicologia engajada, aplicada e política, descolonizada das agruras do colonialismo, democrática enquanto demanda urgente por escuta das epistemologias do mundo, desobediente às ordens instituídas pela/na academia e dialógica com as questões que a contemporaneidade demasiadamente tem nos apontado.

Destacamos, desde já, que não responderemos as questões postas no decorrer desse texto recorte. Mas, sim, em cheque, debate e tensão pensar os modos de pesquisa, as práticas metodológicas e encaminhamentos epistemológicos que regem a academia – branca, racista, heteronormativa, colonialista – e, então, pensarmos maneiras e percursos decoloniais atentos e em diálogo com as nossas *afrodiaspóricasperspectivas*³. Pois compreendemos que não é mais possível produzir conhecimento individual quando se realiza pesquisa com as pessoas e os modos como elas se relacionam com e experienciam a música. Aqui assumimos o compromisso social com a demanda por invenções e com a prerrogativa de que etnografia não se faz sozinho, se faz com os outros.

Para concluir essa introdução, apontamos que esse texto recorte aglutina a revisão de literatura que discute as questões que trazemos como problemáticas para a pesquisa etnomusicológica que estamos produzindo. Destacamos, por fim, que nossa intencionalidade não é ditar parâmetros, mas, a partir das implicações que nos orbitam, tencioná-las e, então, criar dinâmicas e modos de pesquisar, para além dos aprisionamentos gerados pela colonialidade epistêmica prescrita na apologia monocultural.

Descolonização e a questão do racismo epistemológico

A descolonização deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanentemente de transformação social na vida comum, como um ato revolucionário. A colonização acarreta o destroçamento dos seres subordinados a esse regime, os colonizados, mas

³ Palavras juntadas serão articuladas no decorrer do texto. Compreendermos que a norma “cultura” de escrita acadêmica, a nosso ver, é limitada, diante da produção epistemológica do mundo. Logo as palavras juntadas anunciam questões que saem dos “binarismos” positivistas encontrados nos ditames abissais que a branquitude utiliza para se expressar no mundo.

também a bestialização do opressor, o colonizador. Sobre a colonização não se ergue civilização, mas sim barbárie. É nessa perspectiva que se torna necessário desatarmos o aperto da moral e da hipocrisia que nos encarna ao baixar em nós o ethos cristão. A rebeldia como um ato parido de nosso inconformismo com as injustiças é também uma ação de esperança que comunga do ideal da descolonização. Em nossas condições existenciais e históricas, não há razão para termos pudor de discutir a violência, posto que convivemos com este fenômeno desde que fomos “descobertos”, transformados em peças da engrenagem do maquinário capitalista e inventados como Novo Mundo. A colonização é uma engenharia de destroçar gente, a descolonização, não somente como conceito, mas enquanto prática social e luta revolucionária, deve ser uma ação inventora de novos seres e de reencantamento do mundo. (RUFINO, 2019)

A epígrafe que abre alas da primeira sessão desse texto recorte faz parte da publicação intitulada *Pedagogias da encruzilhada* de Luiz Rufino (2019) – um autor branco, cis, hétero, pai e macumbeiro, que mergulha no universo das ciências das macumbas para pensar dinâmicas educativas para a contemporaneidade. Essa publicação entoava perspectivas *outras* e essas nos convidam a estarmos “ligados” no rolê da pista e às formas de subverter lógicas estruturadas pelas ordens coloniais.

Esse é o percurso desse texto recorte. Aqui discutiremos as questões relacionadas ao debate colonial – enquanto abordagem que se dá na colonialidade e na coloneidade, perpassando por percursos decoloniais que a etnomusicologia tem apresentado internacionalmente e nacionalmente, em dinâmicas discutidas e praticadas enquanto eixos epistemológicos e metodológicos.

Compreender os conceitos de colonialidade e coloneidade é importante para pensarmos maneiras decoloniais, desobedientes, democráticas e dialógicas para a pesquisa etnomusicológica. Utilizamos a rede de produções epistemológicas desenvolvidas na América Latina, de alguns autores e autoras do Grupo de Pesquisa intitulado “Modernidade/Colonialidade” e de outros expoentes que têm anunciado questões, para nortear os caminhos que o subtítulo desse texto recorte anuncia, bem como de acordo com aquilo que acreditamos enquanto pesquisadoras e pesquisadores.

O colonialismo é um conceito diferente da ideia de colonialidade, porém ambos estão conectados. Um é fundamentado no processo escravagista-colonial centrado na produção de capital, e o outro articulado com a subalternização e silenciamentos, por meio da perversidade do controle social da subjetividade humana – dos corpos negros e de tantas outras etnias (não brancas) massacradas pelo Mundo a fora.

Autores como Maldonado-Torres (2007), Walter Dignolo (2003; 2017), Ramón Grosfoguel (2007), Enrique Dussel (2010), e o próprio Aníbal Quijano (2010), defendem que o colonialismo se refere ao padrão de dominação, controle de autoridade político-econômica e militar-imperialista. Esse aspecto desenhado pelos autores latino-americanos revela a densidade da estrutura capitalista existente no mundo sobre povos e nações. Sob uma perspectiva de controle hegemônico, subjetivo e epistemológico, o colonialismo se mantém presente de forma sociocultural, político-econômica e hegemônica, por meio da Modernidade.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e de escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América. (QUIJANO, 2010, p. 84)

Quando a Europa fundamenta a ideia de Modernidade como modelo único e universal a existir no Mundo, coloca demarcadores fatais – capitalismo (desigualdade social), patriarcado (discriminação sexual) e o colonialismo (discriminação racial) – como eixos centrais sobre uma sofisticada forma de dominação e opressão sobre países da África, Ásia e América, e, assim, os conhecimentos e saberes destes são silenciados e deslegitimados.

A colonialidade pode ser entendida com um lócus de dominação do imaginário do outro. Se funda na classificação étnica e racial da população mundial. Utiliza a produção de conhecimento eurocêntrica como centro de construção de saber sobre a repressão de outras formas de conhecimento e saberes existentes no Mundo. Legitima-se na subalternização epistemológica do não europeu. Atua na perspectiva geopolítica e cultural de que a Europa é o centro do Mundo.

O processo de colonização no Brasil foi marcado pela destruição do imaginário do outro, esse outro que somos nós, marcados, então, por um processo de invisibilização e subalternização, ou seja, um processo de reducionismo da humanidade do outro, o colocando na categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a “*outra raça*”.

O pensamento moderno compactuou com esse feito. A construção do cânone ocidental alçou a sua edificação em detrimento da subalternização de uma infinidade de outros conhecimentos assentados em outras lógicas e racionalidades. A pretensão de grandeza do cânone, na busca por ser o único modo de saber possível, provocou o dismantelamento cognitivo, o desarranjo de memórias, o trauma físico, simbólico e a perda da potência de milhares de mulheres e homens que tiveram como única opção enquadramento na norma. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 21)

Na contemporaneidade, não vivemos mais em uma estrutura do colonialismo, vivemos essa herança de forma mais sofisticada, sendo ainda a Europa Ocidental o centro dominante e demandante, se assim podemos dizer, pois é no seio do processo de formação de novos musicistas, pesquisadores da música, compositores e docentes de música, que ainda se praticam as normas monoculturais. Aqui, então, questionamos: como em um país que possui 54% da população negra não dialoga com as práticas acústicas, sonoras, musicais desse segmento étnico? Por que somente o pensamento do segmento branco é primazia na formação do grupo mencionado? Por que ainda apelamos para formas e práticas de ensino e pesquisa musical com foco nesses percursos ocidentais? Porque não se tem uma abertura para proposições sonoras com abordagens pluriétnicas.

Chamamos a atenção para o reconhecimento dos saberes pluriétnicos que o Brasil e outros países da América Latina, a África e o Mundo possuem. Chamamos a atenção para novas dinâmicas abertas e flexíveis a outras formas e estruturas, nas quais os saberes mantidos como verdade única sejam confrontados e a reinvenção destes cotidianamente construída. Chamamos a atenção para processos de ensino e pesquisa que estejam comprometidos com o universo de saberes e para/com/por meio dele serem construídas formas *outras* de se desenvolver novas produções de conhecimento.

Partindo do ponto da desobediência e do enfrentamento do modelo ocidental impregnado em nossas estruturas de saber e conhecimento, ressaltamos que uma epistemologia ocidental eurocêntrica não permite outro *lócus* de produção crítica e científica. Pelo contrário, deslegitima saberes *outros*. Para romper com esse movimento opressor, é necessário o desenvolvimento de projetos de pesquisa emancipatórios permeados pela coexistência de diferentes epistemes. Desse modo, é imprescindível a demanda por uma virada geopolítica do conhecimento como estratégia contra o pensamento produzido e calcificado pela Modernidade, entendendo que vai além da transformação da descolonização, ou seja, requer “reconstrução radical do ser, do poder e do saber”, como Walter D. Mignolo (2017, p. 24) nos convida a refletir.

O texto de Luis Ricardo Silva Queiroz (2017), intitulado *Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões* é pertinente ao debate que estamos realizando neste texto. O autor faz uma análise documental dos cursos de bacharelado em música e licenciatura em música, de dez instituições, das cinco regiões do Brasil. As análises desenvolvidas pelo pesquisador apontam a perspectiva colonial que ainda é dada no processo de formação de

musicistas, e docentes e pesquisadores, com um viés da música erudita ocidental, o que legitima a colonialidade institucionalizada na construção de saber. A análise final que o autor apresenta vem ao encontro do estamos propondo, quando o mesmo anuncia que:

A travessia a que somos convidados é necessária para galgarmos novos caminhos na educação superior e para corrigirmos assimetrias que excluíram desse nível de ensino uma ampla diversidade de conhecimentos e saberes. Diversidade que, representada na música, aponta para epistemicídios cometidos contra índios, mestiços, negros, mulheres, pobres, entre tantos outros grupos sociais que, no cenário institucional da música, não estão devidamente representados. Tal travessia não será fácil, pois a colonialidade nos impôs verdades e valores em música que, sobretudo para os colonizados, são extremamente difíceis de serem percebidas e problematizadas. Fazemos a música de um “outro” por imposição, assumindo que tal música é nossa, sem perceber que desse “nós” pouco fazemos parte. A perversidade dos traços coloniais é que tendemos a reproduzir e manter epistemicídios musicais diversos, excluindo e matando conhecimentos e saberes que não se alinham à tendência colonizadora. Como reagir? (QUEIROZ, 2017, p. 155)

Os epistemicídios cometidos nos cursos de formação são inúmeros. Dedicamo-nos a formatar as áreas de conhecimentos desses projetos formativos, com cânones que obedecem e legitimam o saber eurocêntrico e abissalmente jogando do outro lado do abismo, ou seja, na outra margem – o invisível –, os muitos outros conhecimentos e saberes. Boaventura de Souza Santos (2010), em *Epistemologias do Sul*, constrói a ideia de epistemicídios, sobre o significado do assassinato, em âmbito de apropriação, do que é do outro, e violência estrutural sobre o outro, ou seja, das epistemes e produções de conhecimento que fogem à estrutura e norma hegemônica. No que podemos chamar de política da isenção das universidades acerca da produção epistemológica no mundo, corroboramos com Simas e Rufino (2018) a compreender que

A educação brasileira versada nas carteiras das escolas e universidades não pode estar isenta de uma crítica que exponha os seus limites. Por mais que reconheçamos que existe uma pluralidade de práticas e contextos educativos, sabemos que o modo dominante constitui-se como um projeto que não contempla a diversidade. Ao contrário, produz tudo que está fora dos seus limites como incrível e subalterno. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 20)

Nesse percurso de desobediência, dialogicidade, democracia e decolonialidade, as recentes pesquisas no campo da etnomusicologia internacional e nacional têm apresentado foco em projetos decoloniais e em diálogo com as demandas da contemporaneidade. Ao se questionar constantemente como campo a aplicabilidade de seus estudos e pesquisas no mundo,

em nossa revisão de literatura percebemos alguns sentidos e percursos que legitimam o que temos defendido nessa primeira sessão – a descolonização dos processos de pesquisa etnomusicológica diante do colonialismo sofisticado do mundo, em suas diversas facetas, em especial o da academia.

O campo da etnomusicologia, por ser interdisciplinar com outras áreas (antropologia, educação, ciências sociais, filosofia, dentre outras), aponta questões da contemporaneidade e apresentam diversificadas perspectivas e percursos de práxis. Pesquisas etnomusicológicas produzidas fora do Brasil revelam a aplicabilidade que o campo tem a oferecer e tem desenvolvido enquanto efetiva ação para a/na sociedade, transferindo a pesquisa como prática com dinâmicas de “escritório”, para um real diálogo com as demandas da contemporaneidade apresentadas pela sociedade. Tal abordagem é encontra no artigo intitulado produzido por Samuel Araújo – *Reengaging Sound Praxis in the Real World: Politico-Epistemological Dimensions of Dialogue and Participation in Knowledge Production* (2020). O autor destaca que existem pesquisadores, produtores de conhecimento que têm se atentado a questões relacionadas aos debates de diásporas, migração, refugiados e minorias étnicas, se assim podemos dizer. Também tem se preocupado com outras formas de abordagens etnográficas implicadas com ações mais participativas e colaborativas. Corroboramos com a percepção de Araújo ao tomar ciência de que há

Uma corrente constante e mais recentemente crescente de literatura em etnomusicologia e campos afins - por exemplo, a antropologia da música e do som – trouxe à tona questões como as relações sociais frequentemente assimétricas entre os estudiosos e os povos com quem trabalham, as diferentes implicações e, por vezes, interesses antagônicos das pessoas que participam numa determinada iniciativa de investigação, e também como equilibrar ou fundir em tais contextos as posições políticas pró-ativas muitas vezes tomadas pelos estudiosos com as muitas formas de ativismo dos seus interlocutores, abrindo assim debates sobre a manutenção de quaisquer protocolos interpretativos (por exemplo distanciamento, não intervencionismo, neutralidade, objetividade) ou procedimentos (por exemplo, observação dos participantes, entrevistas, separação entre trabalho de campo e análise) ainda vale a pena conceituar como acadêmico. Parte desse esforço tem envolvido tentativas cruciais de produzir visões gerais abrangentes desse resultado, através do mapeamento, classificação e avaliação crítica das principais tendências, seus fundamentos e abordagens, bem como seus correspondentes qualificadores, a maioria dos quais, se não todos, derivados das ciências sociais, como aplicado, colaborativo, advocacia, público, engajado, participativo ou outros (Pettan 2008, Harrison e Pettan 2010, Harrison 2012, Dirksen, 2012, Harrison 2014, Rice 2014, Titon 2015 e Pettan 2015),

permitindo que o debate prossiga com bases mais sólidas. (ARAÚJO, 2020, p. 1-2, no prelo)⁴

Chamamos a atenção para questões que estão na contemporaneidade a fim de pensar esses aspectos relacionados a uma perspectiva participativa, levando em conta que os processos podem ser modificados, deslocados e transformados por meio da pesquisa em etnomusicologia. Tais experiências prescritas nas produções de conhecimento revelam possibilidade de um engajamento no processo etnográfico, levantam possibilidades e caminhos experienciais cuja relação mais humanizada, no processo como um todo, pode relacionar perspectivas além do pressuposto, partindo do campo de experiência, enquanto ampliação política, epistemológica e metodológica, principalmente no que se refere a um engajamento etnomusicológico, a partir de um viés etnográfico.

A estrutura da dinâmica social e a institucionalização do racismo, no Brasil, revelam cotidianamente, nos espaços de autarquia musical, a impossibilidade de reconhecimento do saber negro. A falta dessa possibilidade de encontro com saberes que advêm das muitas práticas e epistemologias desenvolvidas por esse grupo étnico geram violências diversificadas. Vale ressaltar que essa ação não é desenvolvida pela música, e sim pelos sujeitos que dela se aproveitam, para tecer, racialmente, estruturas de inferioridade, subalternidade e silenciamento. Esses autores e essas autoras, destacados por Araújo (2020, no prelo), de alguma forma ou modo, têm bravamente demonstrado a responsabilidade que a pesquisa etnomusicológica pode estabelecer ao produzir conhecimento.

No Brasil, podemos encontrar uma diversidade de pesquisas que lidam com questões interseccionais enquanto compromisso social. Tais abordagens podem ser encontradas nos textos de Araújo e Paz (2011), Araújo (2012; 2013; 2016; 2020 – no prelo), Lühning (2014), Tugny (2011), Tugny e Jamal Júnior (2013), Lühning e Tugny (2016), entre outros. Destacamos

⁴ “A steady and more recently expanding stream of literature in ethnomusicology and related fields – e.g., the anthropology of music and sound – has brought to the fore issues such as the often asymmetrical social relations between scholars and the peoples they work with, the different implications and sometimes antagonistic interests of people taking part in a given research initiative, and also how to balance or merge in such contexts the proactive political stances oftentimes taken by scholars with their interlocutors’ many forms of activism, thus opening debates on the maintenance of any interpretive protocols (e.g., distancing, non-interventionism, neutrality, objectivity) or procedures (e.g., participant observation, interviews, separation between fieldwork and analysis) still worth conceptualizing as academic. Part of this effort has involved crucially necessary attempts at producing comprehensive overviews of this output, through mapping, sorting out, and critically assessing major trends, their foundations and approaches, as well as their corresponding qualifiers, most if not all of which derived from the social sciences, such as applied, collaborative, advocacy, public, engaged, participatory or others (Pettan 2008, Harrison and Pettan 2010, Harrison 2012, Dirksen, 2012, Harrison 2014, Rice 2014, Titon 2015 and Pettan 2015), allowing the debate to proceed on more solid grounds”.

a publicação *Etnomusicologia no Brasil*, que aguça os sentidos que temos discutido no decorrer desse texto recorte. Para Lühning e Tugny,

[...] as pesquisas e práticas etnomusicológicas no Brasil incorporam em seus procedimentos um vínculo com as políticas públicas, com a mobilização social, com a proteção de territórios e saberes, com o cotidiano da violência urbana e da violência simbólica e com a urgência que marca a sobrevivência de alguns povos com os quais trabalham e se solidarizam. (LÜHNING; TUGNY, 2016, p. 23)

Nessa esteira, consideramos pertinente o processo de desobediência ao dito mundo puramente musical. É mais do que urgente que tenhamos a coragem de romper com tais estruturas, para a transformação da colonialidade *do poder, do saber e do ser*, ou seja, conceber visibilidades de outras lógicas e formas de pensar, diferentes da lógica eurocêntrica dominante. Essas que vão contra o modelo estabelecido e tecem conflitos para que, dentro de uma criticidade, formas criativas *outras* de fazer pesquisa se efetivem, a partir de um “giro epistêmico capaz de produzir novos conhecimentos e outra compreensão simbólica do mundo” (MIGNOLO, 2017, p. 28).

Denotam-se no percurso de produções de conhecimento no Brasil, no campo da etnomusicologia, debates que são dialógicos com as perspectivas da contemporaneidade, visto que urgências e emergências não podem ser desvinculadas da pesquisa em música, considerando que para a música acontecer é necessário que o humano a faça. Se com pessoas realizamos pesquisa, que possamos ter a coragem e a responsabilidade de com essas desenvolvermos produções de conhecimento, e nestas seus nomes estejam como produtores de conhecimento.

Por fim, Araújo (2020, no prelo) chama a atenção para questões que estão na contemporaneidade, e pensar esses aspectos para a investigação-ação participativa com foco na práxis-sonoro-musical, de alguma forma, é observar a superfície confusa e hostil, assentada sobre desigualdades de dominação e de exploração, e como esses processos podem ser modificados, deslocados e transformados por meio da pesquisa em etnomusicologia.

Levantamos as questões: quais debates relacionar para além de um debate acústico e sonoro na pesquisa etnomusicológica? De que forma podem ser desenvolvidas pesquisas etnomusicológicas com abordagens que sejam participativas, colaborativas, coletivas, cuja perspectiva interseccional é base? Poderá ser o conhecimento produzido por aqueles que estão no fio da navalha, à margem do espaço legitimado pelo conhecimento branco, compreendido

como saber? Pode o debate entre etnomusicologia, racismo, periferia, juventude negra e violência epistêmica ampliar sentidos para a produção de conhecimentos?

Parece-nos que um debate amplo e aberto com compromisso social na pesquisa em etnomusicologia tem sido fortemente demarcado no campo, não uma pesquisa de “escritório”, mas uma pesquisa na rua, na pista, nos diversificados espaços, com pessoas, com questões e com as demandas e desafios que a contemporaneidade nos apresenta. Corroborando especialmente com Lühning *et al.* (2016), sobre o que assumimos como produtores e produtoras de conhecimento diaspóricos, lidando com as nuances da contemporaneidade e compreendendo que

um dos desafios da etnomusicologia brasileira é manter sua flexibilidade e independência, com potencial crítico, ressaltando em especial o compromisso com a discussão conceitual da diversidade cultural e a contribuição para redução das desigualdades sociais. (LÜHNING *et al.*, 2016, p. 86)

A guizo de considerações finais

Se pudermos pensar em uma resposta para a questão levantada por Queiroz (2017), acerca de como podemos reagir diante da perversidade dos traços coloniais que ainda mantêm epistemicídios, podemos apontar que a experiência e a ação da pesquisa etnomusicológica que temos desenvolvido exigem de nós cotidianamente ética e responsabilidade social com o local em que construímos para além de qualquer forma de discriminação – seja ela de gênero, classe ou raça. Percebemos, nesse processo de revisão de literatura, que para produzir um novo conhecimento na contemporaneidade o que se requer de nós, pesquisadores e pesquisadoras, é: a reflexão crítica na prática etnográfica; humildade para imbuir nas produções as vozes ativas dos interlocutores; romper com a estrutura hegemônica centro-europeia; ativações de que a mudança epistêmica é possível; generosidade com os múltiplos saberes que se proliferam no decorrer da produção de conhecimento; e disponibilidade para o diálogo com o novo.

Exige-se de nós, pesquisadores e pesquisadoras, a compreensão de que a pesquisa etnomusicológica de cunho etnográfico – participativa, colaborativa e coletiva – pode ser uma forma de intervenção no mundo, como um projeto que pode ter seu foco centrado na emancipação, perpassada pela prática da escuta aberta ao novo e a criação permeada por outras formas de fazer pesquisa em quatro dimensões: desobediente, em relação às estruturas perversas aniquiladoras de conhecimentos; decolonial, que rompa com as amarras da colonialidade;

dialógica, possibilitando deslocamentos do lugar do outro; e democrática, com abertura para as plurais vozes que participam e praticam proposições etnomusicológicas.

Enquanto pesquisadores negros e pesquisadoras negras, reivindicamos que as abordagens e perspectivas da pesquisa etnomusicológica na contemporaneidade reconheça os negrocídios existentes nas práticas de produção de conhecimento, intrínsecos à Modernidade, rompendo com a colonialidade e buscando promover ações decoloniais, assumindo, assim, o compromisso epistêmico para a erradicação do racismo institucional e estrutural da sociedade.

Esse texto tentou cumprir o debate sobre as questões da/para a pesquisa etnomusicológica na contemporaneidade, vistos os urgentes compromissos relacionados à erradicação da discriminação racial, da invisibilidade cultural e da desigualdade social geradas pelo patriarcalismo, capitalismo e colonialismo. Por fim, fica para nós a compreensão de que é por meio de uma proposição de pesquisa etnomusicológica com engajamento político e participação colaborativa que podemos repensar práticas de descolonização dos/nos processos metodológicos e epistemológicos de pesquisa e, assim, desenhar um (afro) futuro possível, para pesquisadores negros e pesquisadoras negras, dentro da academia.

Referências:

- ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar. Música, linguagem e política: repensando o papel de uma práxis sonora. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 211-231, 2011.
- ARAÚJO, Samuel. Entre muros, grades e veículos blindados: trabalho acústico e práxis sonora na sociedade pós-industrial. *El Oído Pensante*, Buenos Aires, Ano 1, n.1, 2013. Disponível em: <
<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/oidopensante/article/view/2199/45454575759449>>.
Acesso em: 8 fev. 2020.
- ARAÚJO, Samuel. Etnomusicologia e debate público sobre a música no Brasil hoje: polifonia ou cacofonia? *Música & Cultura*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1-19, 2012. Disponível em: <
<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/etnomusicologia-e-debate-p%C3%BAblico-sobre-a-m%C3%BAsica-no-brasil-hoje-po>>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- ARAÚJO, Samuel. O campo da etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político. In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.), *Etnomusicologia no Brasil*, Salvador: EDUFBA, 2016. p. 7-18.
- ARAÚJO, Samuel. Reengaging Sound Praxis in the Real World: Politico-Epistemological Dimensions of Dialogue and Participation in Knowledge Production. In: DIAMOND, Beverley; CASTELO BRANCO, Salwa El Shawan, *Transforming Ethnomusicology*. Oxford: Oxford University Press, 2020. No prelo.
- DUSSEL, Enrique. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2ª edição. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

- GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- LÜHNING, Angela. Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais. In: *Música em Perspectiva*, v. 7, nº 2. Curitiba: UFPR, 2014. p. 7-25. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/41501>>. Acesso em: 2 fev. 2020.
- LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de. Etnomusicologia no Brasil: Reflexões Introdutórias. Introdução. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). *Etnomusicologia no Brasil* (Org.). Salvador, BA: Editora UFBA, 2016. p. 21-45.
- LÜHNING, Angela. et al. Desafios da Etnomusicologia no Brasil. In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador, BA: Editora UFBA, 2017.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Pensamiento crítico desde la sub-alteridad: los estudios étnicos como ciencias descoloniales o hacia la transformación de las humanidades y las ciencias sociales en el siglo veintiuno. In: SAAVEDRA, José Luis (Ed.). *Educación superior, interculturalidad y descolonización*, p. 145-174. La Paz: Programa de Investigación Estratégica en Bolivia; Comité Ejecutivo de la Universidad Boliviana, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4575/457545365008.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2018> Acesso em: 8 fev. 2020.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: *Revista Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu – PR, (1), p.12-32, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. In: *Revista da ABEM*, Londrina, v.25, n.39, 132-159, jul.-dez. 2017. Disponível em: (<http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/726/501>). Acesso em: 8 fev. 2020.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Contracapa. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23 – 83.
- TUGNY, Rosângela Pereira de. *Escuta e Poder na Estética Tikmũ'ün Maxakali*. Rio de Janeiro. Museu do Índio: 2011.
- TUGNY, Rosângela Pereira de; JAMAL JÚNIOR, José Ricardo. Guerra, predação e alianças no sistema acústico tikmũ'ün. In: *Revista Vortex*. V. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/896>>. Acesso em: 8 fev. 2020.